
A primeira Categoria da Lógica de Hegel

Bertrando Spaventa¹

Neste texto me proponho a discutir algumas objeções que são feitas ou se podem fazer as primeiras e mais elementares categorias da lógica de Hegel: *Ser, Não-Ser, Devir e Ser-aí*. O valor desta lógica depende maximamente destes primeiros princípios; se estes primeiros princípios não se sustentam à crítica, a nova lógica falta o fundamento e o método dialético é semelhante a uma nave que naufraga estando ainda no porto; se também não se quer dizer com o poeta:

*Ô Pobre homem, que não se deu conta,
Andava combatendo e foi morto*

Isto quanto à importância desta discussão. De outra parte, se me remodelo as coisas aqui, que parecem já antigas e endurecidas, à razão, - talvez me engano, mas devo dizer francamente aquilo que penso, - é que as respostas dadas pelos mais valentes comentadores de Hegel a tais objeções não me têm de todo convencido. Excetuo, mas não inteiramente, somente Werder e Kuno Fischer.^{1[188]}

¹ Este tradução é um capítulo da obra *Scritti Filosofici* org. Giovanni Gentile, Nápoles: Ed. Morano & Figlio: 1901, pp. 186-203. Tradução de Danilo Vaz-Curado R. M. Costa (UNICAP), email: danilo@unicap.br. **Bertrando Spaventa**, 1817-1883, Professor de filosofia do Direito na Universidade de Modena e após na Universidade de Bolonha, é um dos mais importantes filósofos italianos, sua influência estende-se por diversos países, a exemplo da Itália (Giovane Gentile), do Brasil (Miguel Reale), da Alemanha (Dieter Henrich), etc. Suas obras principais são: *La filosofia di Kant e la sua relazione colla filosofia italiana* (1860); *Principii di filosofia*, 2 vol., (1867); *Saggi critici di filosofia politica e religione* (1899); *Principi di ética* (1904); entre outras. No ano de 2009 a editora Bompiani em reconhecimento a importância do autor, relançou toda a Obra de B. Spaventa numa edição de luxo, em único volume, com mais de 2900 páginas aos cuidados do Prof. Francesco Valagussa, na coleção *O Pensamento Ocidental*.

¹ Karl Werder (1806-1893) professor na Universidade de Berlim, autor de *Logik als Commentar und Ergänzung zu Hegels Wissenschaft der Logik*, I, Abth., Berlim, 1841 e Kuno Fischer, *Logik und*

Declararei em primeiro lugar o significado que dou a tais categorias e como entendo as suas deduções; em segundo lugar exporei as objeções e aquilo que me parece a verdadeira forma de resolvê-las; e em terceiro lugar farei ver, como a exigência mesma que opõe ao método dialético um dos mais sérios adversários do hegelianismo, reafirma ao invés de invalidar o conceito deste método.²

PRIMEIRA PARTE

Exposição dos conceitos: Ser, Não-Ser, Devir e Ser-aí.

I. É conhecido que para Hegel o *começo* da lógica e, portanto da Ciência – ou como dizemos nós italianos: *primeiro lógico* ou *primeiro científico*, - é o Ser.

Porque o Ser é o primeiro? Brevemente a resposta é: porque é aquele que é *em-si*, apesar de não *para-nós*, é *absolutamente imediato*, e Primeiro quer dizer precisamente isto: aquele que não pressupõe nada, - ao menos naquela esfera na qual se disse Primeiro. Todas as outras determinações do pensar – *algo, finito, infinito, etc.* – pressupõem o *Ser*; eu não posso pensar e dizer nada, se não penso e digo: o *Ser*; e o *Ser* de sua parte não pressupõe nenhuma outra determinação do pensar: nenhuma categoria.

Por isto, se conclui que o Primeiro não é *v.g.* um *fato* qualquer que seja; não é o *Eu*; não é *uma outra determinação* do pensar: substância, causa etc; não é a *totalidade absoluta* das determinações do pensar, o *logos*; não é a *efetividade absoluta*: Deus. Descartes, Espinosa, Fichte, Schelling, Giobert^[189] não começavam de onde se deve começar, isto é, do primeiro; os seus Primeiros são falsos Primeiros, isto é mais que simples Primeiros: são já pressupostos. Somente Rosmini pode ter razão, já que começa do *Ser comuníssimo, universalíssimo, abstratíssimo*.

Expus em um outro escrito³, já publicado, o conceito do Primeiro, e resolvi a contradição que ele contém; tenho feito também ver, a meu modo, como

Metaphysik oder Wissenschaftslehre, Heidelberg, 1852, §29, são as obras referidas por Spaventa [Nota do organizador do livro em italiano]

² Um resumo deste tema já foi dado por Spaventa nos seus *Princ. di Filosofia*, pp. 120-135. [Nota do organizador do livro em italiano]

³ *Prolus. e Introd. Alle. Lez. di Filosofia*, Napoli, 1862, pp. 198-203.

o Primeiro seja precisamente o Ser. É inútil, repetir aqui aquilo que disse em outro lugar, somente não posso deixar de ao menos esclarecer que coisa seja o *Ser*.

Que coisa é o Ser? Isto é fácil e não é fácil dizer; precisamente porque não se pode dizer sem o Ser, e tudo que é dito e pensado o pressupõe. Ao contrário, todas as objeções nascem francamente do falso conceito do Ser. E de outra parte, quando se diz que coisa é realmente o Ser, ele já não é mais simplesmente o Ser: não é mais isto que era antes que fosse anunciado.

Também se pode dizer que coisa seja, distinguindo-o,- e o farei aqui com a maior clareza possível – a partir de tudo o que ele não é e que o pressupõe.

Digo, portanto: o Ser é o Ser, o Ser simplesmente, e não já *um* Ser. Em que consiste esta diferença?

A consciência comum ou vulgar opõe o Ser ao pensamento, ao contrário o Ser ao Ser. Ela diz; seres mais seres; seres naturais, seres pensantes; e opõe ser natural ao ser natural (pedra e planta, esta e aquela pedra, etc) e ser pensante a ser pensante (homem e Deus, este e aquele homem). E fazendo abstração de todas as determinações nas quais consistem estas oposições, ela opõe o Ser natural ao Ser pensante.

Esta última oposição é aquela mesma que a consciência comum diz: oposição entre Ser e Pensar. O Ser pensante *é*, o Ser natural *é*; são, e por isto dizem^[190] *Ser* ambos os dois. Em que diferem? No ser aquilo *pensante*, e este *natural*, isto é na *determinação*; o Ser pensante é o Ser *determinado* assim e assim, o Ser natural é o Ser determinado assim e assim.

Nesta oposição *Pensar* e *Ser* são duas *realidades*, dois mediados. Isso quer dizer realidade oposta à realidade, *realidade natural* à *realidade consciente*; e não já: *Pensar* oposto ao *Ser*, como se o Pensar não fosse Ser, e somente o Ser fosse Ser; como se o Pensar não *fosse*, e somente o Ser *fosse*; como se o Pensar não fosse realidade, e somente o Ser fosse realidade. Não é, portanto a oposição da não-realidade e da realidade, ou, como se diz do nada e do ser.

Esta oposição significa, portanto somente: uma determinação da realidade (do Ser), oposta a uma outra determinação da realidade (do Ser); uma determinação oposta a uma outra determinação.

Suprimamos agora a determinação, e nós teremos o Ser, a realidade *ut sic*: isto é, não mais a realidade; porque a realidade é ou pensante, ou natural, e agora não temos a realidade, nem pensante e nem natural.

Que coisa é este Ser *ut sic*? É o oposto ao Pensar como Ser pensante? É oposto como Ser natural ao Ser pensante? Não. No Ser *ut sic* cessa a oposição, ou melhor, não é ainda, do Ser pensante e do Ser natural; aquela oposição do pensar e ser, posta inicialmente, e como é posta inicialmente desde a consciência vulgar.

Que coisa é, portanto o Ser *ut sic*? Este *não oposto* ao Pensar como realidade pensante? *Não oposto*, e apesar de tudo *distinto*? Distinto, direi assim (valha esta comparação àquilo que pode valer), como o gênero da espécie?

Porque é possível um *distinto e apesar de tudo não oposto* (pilho aqui a oposição no sentido supramencionado na exposição da consciência comum), deve ser possível uma *distinção* que não seja oposição, separação, ou se se quer, contrariedade como simples contrariedade. Ora o Pensar, somente o Pensar é *em-si*, na sua *essência*, esta *distinção*,^[190] que não é *oposição* ou *separação*; quero dizer, é *unidade na diferença* e não obstante a diferença. Se fosse simples diferença sem unidade, o pensar não seria Pensar, não seria em-si *Eu*, *Si-mesmo*: e nem menos seria *Eu*, se fosse simples *Uno*, isto é sem diferença.

De fato, quando digo: *Penso*, digo *Pensar* e *Pensado*, pensar e pensável, intelecto e inteligível; digo novamente: *Pensar e Ser*; mas, não mais como a primeira vez. Isto é, não mais Pensar = Realidade pensante, e Ser = Realidade natural; mas digo: Pensar e Ser, estes dois opostos, *no mesmo* Pensar, *no ato mesmo* do Pensar, e por isto não mais opostos, e o um, direi, *fora* do outro. O um aqui e o outro ali, mas somente distintos, isto é, *dois* e conjuntamente *um*. Aquilo que primeiro era *oposição* fora do pensar, é agora *distinção no* Pensar, no seu seio mesmo. O Pensar, o *ato* do Pensar, não é nada, não é possível sem o pensado, o pensável, o inteligível; sem isto, é não Pensar: não é realidade ou Ser pensante, aquela realidade oposta à realidade ou Ser natural: como de outro modo, o pensado não é sem o ato do pensar.

Mas, embora não possa ser assim sem o pensado, o *pensar* também *se* distingue do *pensado*. Esta distinção importa que o Pensamento pondo-*se*, isto é,

esta mesma *distinção*, possa fazer abstração de si como simplesmente pensante (não digo, que possa não pensar; ao contrário), e pensar simplesmente o *pensado*, abstrair-lo do pensante, considerar-lo por si mesmo, sem o outro, sem o pensante, sem o ato de pensar, isto é, como simples objeto, como simples ser: e eis, o *pensável*. O pensável é o pensado, feita a abstração do pensante, do ato de pensar. Pensar quer dizer: Pensar e Ser, Ser no Pensar, Ser do Pensar. O Pensamento *pode* fazer abstração de Si, do Pensar, e considerar somente o Ser, o Ser do Pensar. Mas esta abstração de Si é conjuntamente como se verá mais abaixo, não abstração de Si; é abstração de Si, enquanto eu considero o *ato* do pensar e tomo apenas um deles,^[192]o Ser; não é abstração de Si, enquanto abstraindo de mim – como pensante, se entende – eu penso. Pensando assim, somente o *Ser*, e não a *função* do pensar, isto é, somente o Ser no Pensar, o Ser do Pensar, eu – como Pensamento, mas somente como pensamento – sou este mesmo Ser, nenhum outro; sou aquele Pensar no qual *silencia*, não nos é ainda, a distinção de Pensar e Ser: são, diria Gioberti, o pensar como simples *intuído*, como simples apreensão do objeto, como não pensar; e por isto, em verdade, como simples objeto: objeto ideal, bem entendido.

Este Pensar que é Ser, somente Ser; este Pensar que é o simples puro Pensar, este é precisamente aquele *Ser ut sic*, que se buscava; é o Pensável, o Inteligível.

Mas se bem consideramos. Eu comecei da oposição entre Ser natural e Ser pensante, e *abstraindo* cheguei ao Ser. Isto, eu disse, é o pensado, feita a abstração do Pensar, do *ato* do Pensar: é o Pensável. Ora se pode dizer, que isto em geral seja verdadeiramente o *Ser*? O Ser que é o Primeiro científico, que é em-si absolutamente *imediato*, que não pressupõe nada e que é o pressuposto do todo e de todas as coisas? Se pode dizer que o Ser – como o primeiro – seja todo o pensável?

O Pensável, todo o Pensável, não é de certo *oposto* a outro; não é *mediante* outro; mas é somente *mediante* a si mesmo. Mas precisamente por isto, - precisamente porque é mediante a si mesmo, - ele é *distinto* em-si mesmo; precisamente porque é *todo* o si-mesmo, ele *pressupõe* a si-mesmo, como esta e

aquela determinação certa de si mesmo. – Omito aqui notadamente, que precisamente porque ele é *distinção* ou mediação em-si mesmo, não é, como se poderia crer e se acreditou de fato, aquela absoluta abstração do *ato* do pensar, da qual foi dita mais acima; já que quem diz *distinção e mediação*, diz *ato* do pensar, o pensamento é o único *distinguidor*, diria Bruno, e mediador. Digo isto mais abaixo. – Portanto ele – todo o pensável – não é em-si absolutamente imediato; não é tal, que não pressuponha^[193]nada, isto é algo que de determinado. Por isto, portanto, não pode ser o Primeiro.

O Primeiro é o *primeiro Pensável (primum cogitabile)*: esta tautologia. Isto é, epilogando tudo o dito até aqui: não o Ser natural, não o Ser pensante, não o Ser como todo o Pensável; e mais particularmente: não é o Ser *oposto* ao Pensar (e vice-versa), não o Ser natural oposto ao Ser natural, não o Ser pensante oposto ao Ser pensante, não o Ser pensável oposto ao pensável, inteligível a inteligível, uma determinação do pensar a uma outra determinação do pensar; mas é o pensável *indeterminado, indistinto, não oposto a nada*: não distinto em-si, nem oposto a outro; sem relação nem verso a si e nem verso ao outro, que seja ou se possa pensar primeiro dele: o *absolutamente irrelativo*.

Este é o *Ser*, o puro, simples Ser.

Eu disse: o primeiro pensável, o primeiro inteligível. Ora, em verdade, deveria dizer o *ininteligível*. Intelligibilidade importa essencialmente *relação* (razão); Gioberti diz – disse bem: cada idéia é tal, enquanto olha em frente e atrás, isto é enquanto nela a sua *simplicidade é bilateral*. Ora, o *Ser* olha em frente, mas não atrás, na esfera do puro pensamento; já que ele não pressupõe nada e tudo nesta esfera o pressupõe. Como o absoluto irrelativo em-si, ele, portanto não é verdadeiramente inteligível. A sua intelligibilidade por uma parte está fora da esfera do puro pensamento, isto é assim na crítica da consciência vulgar e fenomenal; e de outra parte, nesta mesma esfera, consiste na negação mesma do Ser. *Em-si* o Ser, como o Irrelativo absolutamente é por isto *não inteligível*, se pode dizer a bom direito, como fez Hegel, o *Nada*: O Nada, isto é, do inteligível: o Nada na esfera do puro pensamento: um Nada, que não é certo, como se poderia crer, o puro *zero*; mas que, ao invés, enquanto é *dito e expreso* assim, é antes mais que o mesmo *puro Ser*.

Mas, digo isto mais abaixo. Somente acrescento aqui, que o primeiro e o último^[194] Pensável são assim fatos, que aquele olha somente adiante e este somente atrás; e por isto, se aquele se pode dizer *não inteligível*, este se tem de dizer *mais que inteligível* na esfera do pensamento puro. Tal é a idéia absoluta. Enquanto dela não se pode dizer que seja uma particular determinação entre as determinações do pensamento, uma categoria entre as categorias, mas a unidade atual e absoluta de todas as categorias; enquanto, isto é, ela olha somente atrás, ela é em-si absoluta *subjetividade*: subjetividade, que não é mais predicado ou simples categoria, mas contém em-si e ultrapassa todos os predicados e todas as categorias.

Tal é, portanto o *Ser*. – O Ser é o primeiro na ciência, isto é o absoluto *Certo*. É absoluto Certo aquele do qual eu não posso fazer abstração; e tal é o Ser. Eu me levo ao *Ser* por uma *resolução* imediata, por uma absoluta abstração. Eu quero pensar: pensar puramente, verdadeiramente, cientificamente, não arbitrariamente, ao modo de oráculo. Por isto devo fazer abstração de tudo o que não é certo, não ainda certo cientificamente: de todo o *mediato*. Eu devo admitir o *mediado* assim, mas compreendê-lo, concebê-lo: compreender a mediação, e por isto começar do começo, do imediato; e *mediar*. Eu digo: *tudo é Ser*; isto é o primeiro pensamento, a primeira lei, a primeira razão, a primeira categoria, portanto a bom direito foi dito: somente assim se cumpre a exigência Cartesiana: *De omnibus dubitandum*. Eu, um ente particular, como puro pensamento do Ser transformo o Universal, absolutamente Universal: a *potencialidade* mesma da razão.

Disse mais acima: *somente Rosmini tem razão, já que começa do Ser*. E de fato o *Ente possível* rosminiano não é todo o *possível*, todo o *puro* possível, mas somente o primeiro possível, o primeiro pensável: isto é precisamente o Ser. O erro de Rosmini não é, como acreditou Gioberti, de fazer do *Ser ut sic* o Primeiro científico ou lógico, mas de fazer o primeiro psicológico: não o primeiro pensável, mas o primeiro concebível.^[195] Os hegelianos poderão não dá muita importância ao ente de Rosmini, e notando especialmente a falta de uma propedêutica científica, dizer que ele salta imediatamente da atualidade assim diversa e múltipla da consciência ao primeiro possível, ao Indeterminado. Eu me contento em perceber nele um outro salto, menos lícito e mais perigoso que o primeiro: isto é, deste mesmo

Indeterminado ao *conhecer* como ato da psique, à *percepção intelectual*, ao primeiro juízo: *Este é*. Tido o Ser, Rosmini o une imediatamente com a sensação, considerada como um *dado* primitivo e esta ligação ele chama a *primeira cognição*. – Por outro lado, Gioberti, - que tacha Rosmini de *nullismo*, porque começa do Ser como primeiro possível e não ainda do Ente concreto e criante, - se tivesse ele *começado* verdadeiramente, e não ao invés começado de onde se tem que terminar, isto é do Espírito como absoluta revelação de si mesmo; se, ao invés de doar a nó outros jovens, sedentos da Idéia e desgostosos da lama do sensualismo e do pão nu, não sempre fresco, do empirismo, aquela fórmula que já aprendemos, sem compreendê-la, no catecismo, tanto usada e abusada e colocada em todo lugar e em todas as regiões e estações pelos seus sequazes: se invés de tudo isso Gioberti tivesse quisto fazer uma Lógica, uma Ontologia, uma Ciência do Ente, exatamente do seu Ente concreto e criante, não poderia começar senão assim, desta miséria, desta *magna parvitas*: o *Ser*. E esta necessidade, - pouco importa que os seus herdeiros privilegiados não se percebam, - é admitida, mais ou menos explicitamente, por ele mesmo, quando distingue, embora com falso nome, os dois Primeiros, isto é o Primeiro *ut sic* e o Último *ut sic*; se diz que o verdadeiro Primeiro – isto é não mais o simples Primeiro, o Começo, mas o Princípio, o ato Absoluto – é a sua unidade orgânica, e não se pode *pensar* (e disto se trata: de *pensá-lo*, e não já de pressupô-lo), se não se dissolve este ato e não se começa de um ponto nele, que não resulta de outro e do qual tudo resulta: isto é do Ser. Gioberti^[p.196] que dá tudo ao intuído, - ao primeiro pensamento, - não apenas o Inteligível puro, mas o mesmo Ato criativo, disse em um momento de pura ingenuidade, assim freqüente, para dizer a verdade, nas obras póstumas: “o intuído nos dá o *Ente simplesmente*, a reflexão nos dá o *Ente inteligível e inteligente*”. (Prot. Edição Torino, Botta, II, 419). Agora o que é o *Ente simplesmente*, e não ainda *inteligente nem menos inteligível*? Não é outro que o primeiro inteligível, o Ser rosminiano, o Nada.

Citei estes nossos dois filósofos, não porque a primalidade do Ser tivesse necessidade de ser autorizada extrinsecamente, mas para notar que se pode ser italiano, e começar do *Ser*, sem perigo de renegar a tão preciosa sabedoria dos

nostros maiores: frequentemente preciosa, menos àqueles que mais mostram em tã-la em prejuízo.

II. Declaramos assim o Ser como Primeiro e eis em qual modo eu entendo a dedução das primeiras categorias. Para proceder com maior rigor possível, devo repetir, epilogando, as coisas principais ditas anteriormente.

- a) O *Ser*. – Quando eu digo: o *Ser*, eu não sou mais consciência ou saber vulgar; mas sou pensamento, simples pensamento: ciência, primeira ciência. E por isso quando digo aqui: *Eu*, *Eu penso*, não digo o *Eu*, o Eu determinado, nem o Eu de Descartes nem o Eu de Fichte; digo o Eu como simples primeiro pensamento. Eu penso o *Ser*; digo o Eu como simples pensamento do *Ser*, o Eu como o *Ser*.

Na consciência vulgar *Ser* é *oposto* a *Ser*; *Ser* é oposto a Pensar, Realidade natural e Realidade pensante. Eu me *represento* o *Ser*. O *Ser* ao invés, - o *Ser*, que é o Primeiro na ciência, o *Ser* que *eu penso* e já não me *represento*; o *Ser* e não já *um Ser*, - não é *oposto* ao Pensar, mas apenas *distinto* do Pensar.

Tal é o *Ser lógico*. O *Ser* como tal é essencialmente o *Ser lógico*, isto é *pensado*; é o mesmo *Pensado*;^[p.197]e, enquanto simplesmente o *Ser*, é o Pensável, o primeiro Pensável (o Imediato em-si).

O *Ser*, o *Ser lógico*, quer dizer: *distinto e não oposto* ao Pensar. Se é oposto, não é o *Ser*, o *Ser lógico*.

Rosmini e Gioberti fazem consistir exatamente nisso, - no ser não oposto, mas distinto somente do Pensar, - o *Ser lógico*, o *Ser ideal*; isto é o *Ser*; já que o *Ser ut sic* não é outro que *ideal*; é essencialmente ideal.

Agora esta distinção, - que, enquanto não oposição ou separação, é identidade *na* diferença, unidade *na* distinção, - é o mesmo Pensar, o *Ato*, a função, do Pensar. Enquanto tal distinção, eu como pensamento *posso* fazer abstração de mim com pensar, como simples ato, função do pensar, e *fixar* o pensado simplesmente. O pensado, assim, é o *Ser*, o Pensável, o primeiro Pensável. Do *Ser* ao oposto, eu não posso fazer abstração, porque suprimindo o *Ser* eu não penso mais; já que, pensar é pensar o *Ser*.

Fixando o Ser, eu não me *distingo* como pensamento do Ser; eu me *extinguo* como pensamento no Ser; eu *sou o Ser*.

b) O *Não-ser*. – Agora este *extinguir-se* do pensar no Ser, é a *contradição* do Ser. E esta contradição é a primeira centelha da dialética.

O Ser se contradiz, porque este *extinguir-se* do Pensar no Ser, - e somente assim é possível o Ser, - é um não *extinguir-se*: é *distinguir-se*, é *viver*. Pensar de não pensar, fazer abstração do pensar, isto é fixar o Ser, é pensar; é abstração, isto é pensar. O Ser é o *Abstrato*, o absoluto Abstrato. Para ter abstrato, só o Abstrato, eu faço abstração da abstração, isto é sou *abstração*, absoluta abstração. Primeiro eu era o Absoluto Abstrato; agora sou a absoluta abstração, e não já o simples absoluto Abstrato.

Assim o Ser, o Ser lógico (o Abstrato) *nega* a si mesmo.

[p.198] Primeiro eu era o Ser; agora, portanto eu sou o *Não-Ser*; sou o *Ser que é o Não-Ser*.

Nota-se: *Não-Ser* não quer dizer o anulamento do Ser, propriamente o Nada; mas a negação dialética do Ser, o concretizar do Ser, mais que o simples Ser; não o Ser, que se anula, mas que se concretiza. É o Pensar que diz: eu *não* sou simplesmente o Ser, mas mais que o ser o Ser; não sou somente o Abstrato, este *caput mortuum*, mas a abstração; o ato de abstrair.

c) O *Devir*. – o Ser se contradiz, porque enquanto *Ser* se mostra *Não-Ser* (enquanto abstrato se mostra abstração; neste Ser se mostra Pensar); enquanto é o *Ser que é o Não-Ser*.

Não são dois seres: o Ser que é o Ser, e o Ser que é o Não-Ser; mas é o Ser que é o Não-Ser; é Não-Ser, enquanto é o Ser. Se fossem dois Seres, não existiria contradição. A contradição é que são um ser, o mesmo Ser. – São *Uno*; e apesar de tudo *distintos, diferentes*. Identidade e diferença: esta é a contradição. A contradição, repito, é o *Ser que é o não-Ser*. – É uma contradição *imane*nte no Ser. Se puseres aqui o Ser, e ali o Não-Ser, não tens a contradição.

Esta contradição imane

Esta inquietude é o mesmo Não-Ser, enquanto distinto do Ser, se considera um com o Ser; é o mesmo Não-Ser, que, enquanto negação dialética do Ser e não já anulação, concretizou o Ser. Concretizando o Ser, o contém em-si, e se distingue deste. Como tal unidade na distinção ele é a verdade de si e do Ser. O Não-Ser *ut sic* não é a inquietude; a inquietude é aí, enquanto eu digo: o Ser que é Não-Ser. Dizendo assim, eu digo: unidade e diferença, unidade *na* diferença. Digo unidade, porque digo o *Ser* – não um Ser, um outro Ser ^[p.199] – é *Não-Ser*. Digo diferença, porque Ser e Não-Ser são diferentes.

Portanto digo: o Ser que é Não-Ser, o Ser que não é; não já o Ser que não é completamente, que é absolutamente nada, mas o Ser que não é somente, mas é e, enquanto é, não é: o Ser que *flui*. Por isso digo *Devir*.

O Devir é a *inquietude* do Ser: o Ser que, enquanto é, não é. O Devir é o Ser que é Não-Ser, o Ser que é Pensar, o Pensado que é Pensar (o Abstrato que é abstração). Eu penso o Ser; e enquanto penso o Ser, sou o Pensar, sou o Não-Ser; enquanto abstraio de mim como abstração, sou abstração. Mas o Pensar eu não o penso, não o penso como pensar, o penso só novamente como pensado. Eu não posso agarrar a mim mesmo como Pensar, como Não-Ser; me agarro como Ser: como Pensar sou o Ser que é o Não-Ser. Isto quer dizer: eu *sou o Pensar* e não me poder agarrar como Pensar – esta inquietação, esse Ser que é a mesma inquietação – este é o Devir (Eu não posso agarrar o ato como ato – como energia, como diria, *agens*; o ato agarrado não é mais o ato: é *Actum*).

Ser e Não Ser, enquanto concretizados no Devir, não são mais aquilo que eram antes de serem concretizados; mas são cada um aquela mesma *unidade na diferença* que é o Devir, e enquanto tal unidade, são verdadeiramente, isto é *atualmente, distintos*. Enquanto verdadeiramente uno e distintos, se dizem exatamente concretizados; isto é, *momentos* do devir.

O Ser como momento é o *Ser que devém*: o *começar*, o nascer (o distinguir-se); o Não-Ser como momento é o *Não-Ser que devém*: o *cessar*, o perecer (o extinguir-se).

Assim o Devir mesmo é o começar que cessa, e o cessar que começa; o nascer que perece, e o perecer que nasce (o distinguir-se que se extingue, e o extinguir-se que se distingue). *Eterno perecer, eterno nascer.*

[p.200] Este eterno perecer que é o eterno nascer, este eterno nascer que é o eterno perecer, é o Pensar. – Penso, isto é *nasço* como pensar; mas não posso agarrar a mim mesmo como *pensar*, mas somente como *pensado*, e por isso *pereço* como pensar. *Perecendo* como pensar, penso; e por isso *nasço* como pensar. E assim sempre.

d) o *Ser-ai*. – o Devir, esta imanente contradição do Ser, não é a verdadeira unidade do Ser e do Não-Ser; é unidade somente como distinção, na distinção. A unidade como distinção, na distinção, é a unidade, enquanto nasce, perece como unidade; e, enquanto perece, nasce. Neste perpetuo fluxo, a unidade é somente o instante. O Devir – aquela unidade que o Devir deve ser – é como uma perpetua exigência nunca realizada.

Com se resolve essa contradição? Qual é a verdadeira unidade?

Não precisa esquecer que o devir aqui não é o devir material, natural, *representado*, mas o Devir *lógico*. Ora, no pensar, no simples Pensar, até aqui nós não encontramos um ponto fixo. Dissemos: o Ser, e o Ser se contradiz; e portanto dissemos: Não-Ser. O Não-Ser, enquanto uno e distinto do Ser, é a eterna contradição aberta, evidente, imanente do Ser. – Porque é contraditório o Ser? O Ser lógico? Ou seja: porque o Pensar contradiz a si mesmo dizendo: o Ser? Porque, quanto diz distinguir-se no Ser, *pensa* e por isso é *Não-Ser*. (se distingue do Ser); enquanto diz extinguir-se como abstração no abstrato, é a abstração, o pensar, e por isso não o simples Abstrato. Portanto é Ser e Pensar, Abstrato e Abstração: unidade e diferença, Unidade na Diferença: unidade que perece perpetuamente como unidade.

Esta contradição se contradiz, e por isso é a solução da contradição. O Ser se contradiz, porque é a abstração da abstração, isto é abstração. Não-Ser, não simples Abstrato. E o Devir se contradiz, porque, enquanto [p.201] extinção que é distinção, é a extinção mesma da extinção no qual ele consiste; é o devir que se extingue eternamente como devir; é o devir que não devém; o pensar que não

passa, mas é eternamente passado, eternamente *devindo*. Em outros termos o devir se contradiz, porque é a Abstração do *Abstraente*, e por isso o *Abstraente* mesmo.

O abstraente não é simples Abstrato; não é a simples Abstração; não é o Ser simplesmente, nem o Pensar simplesmente. O que é?

Quem diz *Abstraente*, diz deliberar, resolver-se (querer: aqui, aquele querer que é o pensar como simples pensar). Eu penso simplesmente, isto é abstraio, abstraio absolutamente, porque me resolvo abstrair. O Abstraente abstrai de tudo aquilo que ele não é; e assim é o *Abstrato*, a *Abstração*, o *Abstraente*. Assim não é somente o *Ser*, nem simplesmente o *Não-Ser*, mas o *Ser-para-si*, *mediante si*: o Ser que se põe, que toma lugar, que se faz posto; que é lá: o Ser que não é mais o Devir, mas o Devindo; Devindo por si-mesmo: o *Ser-ai*.

O Ser-ai é esta primeira infinita reflexão do Ser em-si mesmo. (A língua, acredito, exprime esta reflexão, quando diz: é, sou, etc).

Schelling (*Introdução à Fil da Mitologia*, pag. 302) diz: “Quando se pergunta: o que é o Ente? Nos não podemos deixar fazer o arbítrio, e decidir assim qual das possíveis determinações do Ente queremos colocar *primeiro* e qual *depois*. Para saber isto que o Ente é, devemos nos colocar a pensá-lo. Ao que, verdadeiramente, não podemos ser forçados, como somos constrangidos a nos representar isto que se impõe a nossos sentidos”.

Pensar, simplesmente pensar, pensar o Ente, o pensar lógico é essencialmente resolução, deliberação (querer). Coloquei-me a pensar, a abstrair de tudo aquilo que não é simples pensar, de toda representação, de cada intuição.^[p.202]coloquei-me a começar, começar a pensar, a abstrair de toda determinação do pensar: a abstrair absolutamente. – Este *resolver-me* absoluto é a verdadeira raiz, o motor do pensar.

Enquanto este resolver-me, este absoluto resolver-me, não outro, eu sou o absoluto abstraente: abstraente como abstraente, indeterminado abstraente, abstraente *ut sic*.

Embora, eu disse: sou o Ser, o Abstrato, e dizendo assim, digo: sou o Não-Ser, sou a Abstração. Dizendo: sou o não-Ser, a Abstração, eu digo: sou a não abstração, sou o Abstraente. – Eu estou lá, simplesmente lá: me coloquei ai,

simplesmente posto. Enquanto estou lá, enquanto e coloco aí, enquanto abstraente, eu sou a solução da contradição do Ser e da contradição do Não-Ser.

Eu sou assim o *Ser-para-si*: sou para-mim, mediante a mim. Assim sou o Abstrato, o *Ser*; e não sou o Abstrato, mas a Abstração: o *para*; e não sou a Abstração, mas o Abstraente: o *Si*.

O Si – este resolver-se, este puro resolver-se que é o Ultimo – é agora o verdadeiro Primeiro. O Primeiro verdadeiramente não é, portanto o Abstrato, nem a Abstração, mas o Abstraente; não é o começado, nem o começar, mas o começante, o puro começante.

Permita-se recordar a doutrina d'um nosso filosofo exposta há dois séculos e meio.

Ser é *poder*, simples poder: *Posse*;

Não-Ser é saber, simples saber: *Saber*;

Ser para-si é querer, simples querer: *Quer*.⁴

Eis as primalidades de Campanella. – A sua unidade orgânica é o verdadeiro Primeiro. *Nos esse, et posse, scire et velle certissimum principium primum.*

Potentia essendi, sapientia essendi, amor essendi. O Ser, o verdadeiro Ser, *essencializa-se* destas três primalidades:^[p.203] *potentia, sapientia, amor*.⁵ O mérito de Campanella não é de ter recordado esta *triplidade*, que também se lê no Catecismo; mas no ter dito que a *entidade* em geral consiste nela.

Acredito quase supérfluo notar, que aqui no *Ser-aí* temos: indeterminado poder, indeterminado saber, indeterminado querer. A utilidade desta observação se verá abaixo na solução da dificuldade.

Uma ultima observação. A Substancia spinoziana é em-si só a Abstrato e a Abstração. Por isso não é querer. A verdadeira *causa sui*, - esta definição da Substância spinoziana, - não é o Abstrato (o Ser), não a Abstração (o Não-Ser), mas o Abstraente. O *Amor*, com o qual termina e se realiza a Ética de Spinoza, o *amor essendi*, contraria à Substância, e a supera.

⁴ Bertrando Spaventa utiliza aqui o verbo latino *Velle*, o qual corresponde à dupla intenção do *querer* como *apetite* e *querer* como *vontade*; ação instintiva e ação deliberativa.(N.T)

⁵ Ver a exposição desta doutrina das primalidades nos *Saggi di Critica*, pp. 105 e segs.

Data de Recebimento: 05 de janeiro de 2014;
Data de Aceite para Publicação: 10 de janeiro de 2014.